

SILENT SPRING
Copyright © 1962 by Rachel L. Carson
Copyright © renewed 1990 by Roger Christie
Published by arrangement with Frances Collin, Trustee u-w-o Rachel Carson

1ª Edição, Editora Gaia, São Paulo 2010

1ª Reimpressão, 2011

Diretor-Editorial
Jefferson L. Alves

Diretor de Marketing
Richard A. Alves

Gerente de Produção
Flávio Samuel

Coordenadora-Editorial
Dida Bessana

Assistentes Editoriais
Alessandra Biral/João Reynaldo de Paiva

Tradução
Claudia Sant'Anna Martins

Preparação de Texto
Antonio Carlos Alves

Revisão
Regina Machado

Foto da Capa
Denis Vrublewski/Shutterstock

Capa
Eduardo Okuno/Mauricio Negro

Projeto Gráfico
Tathiana A. Inocência

Editoração Eletrônica
Neili Dal Rovere

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carson, Rachel, 1907-1964.
Primavera silenciosa / Rachel Carson ; [traduzido por Claudia Sant'Anna Martins]. – 1. ed. – São Paulo : Gaia, 2010.

Título original : Silent spring.
ISBN 978-85-7555-235-3

1. Meio ambiente. 2. Pesticidas – Aspectos ambientais. 3. Pesticidas – Toxicologia. 4. Pesticidas e animais selvagens. 5. Pragas e insetos – Controle biológico. 6. Preservação ambiental. I. Título.

10-00635

CDD-363.7384

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesticidas : Aspectos ambientais : Problemas sociais 363.7384

Direitos Reservados

EDITORA GAIA LTDA.

(pertence ao grupo Global Editora
e Distribuidora Ltda.)

Rua Pirapitingui, 111-A – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: gaia@editoragaia.com.br

www.editoragaia.com.br

Obra atualizada
conforme o
**Novo Acordo
Ortográfico da
Língua
Portuguesa**

Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: **3125**



O Manto Verde da Terra

A ÁGUA, O SOLO e o manto verde da Terra formado pelas plantas constituem o mundo que sustenta a vida animal em nosso planeta. Embora o homem moderno dificilmente se lembre desse fato, ele não poderia existir sem as plantas que captam a energia do sol e fabricam os alimentos básicos de que ele depende para viver. Nossa atitude em relação às plantas é singularmente estreita. Se vemos alguma utilidade imediata em uma planta, nós a cultivamos. Se, por qualquer razão, achamos sua presença indesejável, ou se ela nos é indiferente, podemos condená-la imediatamente à destruição. Além das várias plantas que são venenosas ao ser humano ou aos animais domésticos, ou que desalojam as plantas destinadas à alimentação, muitas são condenadas à destruição apenas porque, segundo nossa visão estreita, acontece de elas estarem no lugar errado na hora errada. Muitas outras são destruídas por terem o infortúnio de estarem associadas às plantas indesejadas.

A vegetação terrestre é parte de uma teia de vida em que existem relações íntimas e essenciais entre as plantas e a Terra, entre as plantas e outras plantas, entre as plantas e os animais. Às vezes não temos escolha, e somos forçados a perturbar essas relações, mas devemos fazê-lo com cuidado, com plena consciência de que o que fazemos pode ter consequências distantes no tempo e no espaço. Mas tal humildade não é característica dos prósperos negócios da “erradicação de ervas daninhas” dos dias atuais, em que vendas ascendentes e usos em expansão marcam a produção de substâncias químicas que matam plantas.

Um dos exemplos mais trágicos de nosso ataque insensato à paisagem pode ser visto nas plantações de artemísia do Oeste norte-americano, onde está sendo feita uma vasta campanha para destruir a artemísia e substituí-la por pastagens. Se já existiu uma iniciativa que precisasse ser iluminada com uma noção da história e do significado da paisagem, não há dúvida de que é esse o caso. Porque aqui a paisagem natural é eloquente, revelando a interação das forças que a criaram. Está diante de nossos olhos como as páginas de um livro aberto em que podemos ler por que a terra é como é, e por que devemos preservar sua integridade. Mas essas páginas não são lidas.

A terra das artemísias é a região dos planaltos ocidentais e dos declives mais baixos das montanhas que se erguem acima deles. Uma terra nascida da grande elevação do sistema das Montanhas Rochosas, há muitos milhões de anos. É um lugar de extremos abruptos de clima: de longos invernos em que as nevascas se precipitam das montanhas e a neve se acumula, espessa, nas planícies; de verões cujo calor é aliviado apenas por chuvas escassas, com a seca rachando o solo e os ventos secos roubando a umidade das folhas e dos caules.

Ao longo da evolução da paisagem, deve ter havido um longo período de tentativa e erro em que as plantas tentaram colonizar essas terras altas e varridas pelos ventos. Uma após a outra, elas devem ter fracassado. Finalmente, a evolução deu origem a um grupo de plantas que reunia todas as qualidades necessárias para a sobrevivência. A artemísia — de baixa altura e arbustiva — conseguia sustentar-se nos declives das montanhas e nas planícies, e dentro de suas pequenas folhas cinzentas podia guardar umidade suficiente para desafiar os ventos traiçoeiros. Não foi por acaso, e sim como resultado de longas eras de experimentação por parte da natureza, que as grandes planícies do Oeste se tornaram a terra das artemísias.

Com as plantas, também a vida animal evoluiu em harmonia com as exigências da terra. Com o tempo, dois animais se ajustaram tão perfeitamente a seu meio ambiente quanto a artemísia. Um deles foi um mamífero, o ligeiro e gracioso antílope norte-americano, *Antilocapra americana*. O outro foi um pássaro, o galo silvestre — o “galo-das-campinas” de Lewis e Clark.

A artemísia e o galo silvestre parecem feitos um para o outro. O habitat original da ave coincidia com o habitat da artemísia, e à medida que as terras de artemísia se reduziram, as populações de galos silvestres também se reduziram. A artemísia é tudo para essas aves das planícies. A artemísia baixa, do sopé das montanhas, abriga os ninhos e os filhotes dos galos silvestres; as artemísias mais altas e densas são áreas onde eles podem perambular e dormir; em todos os momentos a artemísia fornece os principais alimentos para o galo silvestre. Trata-se, contudo

